

A Fonte das Cinco Bicas ou Chafariz do Espírito Santo

Por Francisco Messias Trindade Ferreira

O fontenário existente no actual Largo Luís de Camões, também comumente conhecido por Largo das Cinco Bicas, ganhou nos seus relativamente curtos quase cento e quarenta anos de existência, o epíteto de “Fonte das Cinco Bicas”. O passante que se demore olhando para o referido chafariz não irá encontrar mais de 4 bicas e por muito que se esforce e dê uso à imaginação não conseguirá descortinar um lugar para a misteriosa 5ª bica. Se perguntar a algum aveirense pela razão de tão estranha designação receberá, pela certa, um encolher de ombros e concluirá, rapidamente, que tal se tratará de uma bizarria dos indígenas.

O Largo e o seu fontenário encontram-se envolvidos numa nebulosa de mistificações e enganos que formam um conjunto significativo de deturpações e mal entendidos. Repor a verdade sobre o largo e o seu chafariz implica um pequeno mergulho na História da cidade, em particular dessa área.

O espaço da confluência de duas das mais antigas saídas do burgo aveirense em direcção a sul (a rua de S. Sebastião) e para os então campos e arrabaldes do burgo aveirense (a rua de S. Martinho) definiu uma praça de forma triangular que em tempos idos funcionava como adro de uma igreja – a Igreja do Espírito Santo. A rua que saía dessa confluência de vias em direcção à Porta da Vila designava-se por rua do Espírito Santo (hoje rua Eça de Queirós). A igreja do Espírito Santo e respectivo adro ficavam, assim, localizados na base desse triângulo isósceles que apontava a norte. Da igreja não se sabe muito. Mas sabe-se que já existia em 1572 ano em que Aveiro foi dividida em quatro freguesias e foi ela própria elevada à categoria de igreja paroquial, tornando-se por isso a sede da nova freguesia do Espírito Santo a quem deu também o nome.



Figura 1: Localização da Igreja do Espírito Santo (seta vermelha); a seta azul indica a Porta da Vila (planta da cidade de Aveiro – 1778?)

Dela, hoje nada existe. Mesmo Rangel de Quadros ou Marques Gomes pouca informação conseguiram recolher. Aponta, o primeiro autor, que a sua construção tenha ocorrido na segunda metade do século XV. Seria uma igreja de nave única, mas simples. No adro, a pouca distância da fachada principal, ficava um cruzeiro muito semelhante ao que ainda hoje existe na parte fronteira do adro de S. Domingos. Foi baseado nesta indicação que Rangel de Quadros estabelece para a datação referida. No século XIX, em 1835, após a fusão da freguesia de S. Miguel com a do Espírito Santo constituindo a nova freguesia da Nossa Senhora da Glória, a igreja reduziu-se à sua pequenez de capela. Quase abandonada e entregue a uma degradação que se revelou acelerada em 1857 não restou outra alternativa que não fosse a sua demolição, dado o seu gritante estado de decadência. Não muito tempo depois iniciou-se o processo de urbanização do antigo espaço com a edificação de novas casas e a transformação do antigo adro fronteiro à igreja na pequena praça que ainda hoje existe.

Com o correr do tempo e a existência de um núcleo urbano significativo naquele local a Câmara Municipal entendeu por bem melhorar as condições de vida daquela população trazendo até aquele largo uma fonte pública de abastecimento de água. Era uma forma de mitigar a distância que os habitantes daquelas proximidades tinham de percorrer se pretendessem água para os seus usos diários. As alternativas não eram de facto simpáticas: a Fonte Nova nas proximidades do antigo mosteiro de S. Domingos, a Fonte dos Amores (ou Benespera) mais a sul, ou a Fonte da Praça na vizinha freguesia da Vera-Cruz.

Ainda de acordo com Rangel de Quadros, os primeiros trabalhos para a exploração das águas que iriam abastecer o chafariz iniciaram-se em 1870. A captação foi feita no lugar da Brejeira, na margem direita da estrada que vai para S. Bernardo. Apesar de tudo era uma distância assaz grande e implicava a construção de um aqueduto subterrâneo para aportar a água ao seu destino. Foi encarregue de toda a obra, da captação à concepção e desenho do chafariz o eng. João Honorato da Fonseca Regala.

Possivelmente pelo elevado dispêndio que implicava e pela crónica falta de dinheiro de que a Câmara Municipal sofria, a obra terá estado interrompida por quase dez anos. Os trabalhos recomeçam em 1879 quando a Câmara lança no mesmo ano e em curto espaço de tempo um duplo concurso: o “fornecimento da pedra de Outil para a construção do chafariz do largo do Espírito Santo, seu aparelho e assentamento” realizado a dois de Novembro de 1879 e a vinte e seis de Dezembro coloca em arrematação o fornecimento de “pedra de Eirol” para a *“construção do encanamento da água do sítio da Brejeira de S. Bernardo para o chafariz do largo do Espírito Santo.”*

Para a execução do chafariz apresentou-se António Francisco Pedreira que arrematou o fornecimento da pedra de Outil para a sua construção, comprometendo-se não só com as condições exaradas pela repartição de Engenharia distrital, bem como com o prazo de cinco meses para conclusão da obra. O valor pelo qual iria cobrar fixava-se nos 430 000 reis, quantia significativa, considerando que cerca de vinte e cinco anos antes a Câmara houvera adquirido a marinha Rossia por 400 000 reis.

A quantidade de “pedra de Eirol” necessária à execução do encanamento perfazia um total de 650 metros cúbicos; para o seu fornecimento apresentaram-se dois candidatos: João Lopes Morgado, do lugar de Carcavelos, que se prontificou a aprovisionar quatrocentos e trinta e três metros, e João Domingos Lourenço da Silva, da freguesia de Canelas, que se prontificou a facultar os restantes duzentos e dezassete metros. O valor estabelecido para cada metro cúbico

fixou-se em 1 000 reis. Comprometeram-se ainda a entregar a totalidade da pedra no prazo de seis meses. Esta viria por barco (como se depreende do contrato) e ficaria depositada na malhada dos Santos Mártires de onde, depois de medida, seria encaminhada por carro para o seu local de aplicação. Ao todo, e excluindo a execução da caixa de água na Brejeira, importava em mais de um milhão de reis (1 conto de reis ou 1 000 escudos pela antiga moeda portuguesa ou ainda cerca de 5 euros pela moeda actual) o abastecer de água potável o chamado “cimo de vila” do burgo aveirense.

Materiais contratados e obra em execução. No ano seguinte, 1880, é gravada na pedra, na face norte do chafariz a inscrição “C. M. 1880” significando o ano da sua conclusão e as iniciais do mandante da obra.

Foi uma obra que, como se disse, saiu cara ao município aveirense. De acordo com Manuel Ferreira Rodrigues, no texto "Património Urbano Associado ao Abastecimento de Água a Aveiro", “...em 8 de Agosto de 1878, em conformidade com um plano aprovado antes, a Câmara obtém um empréstimo no valor de 10.000\$000 réis, amortizáveis em 10 anos, ao juro de 7% ao ano. Para a edificação de um chafariz, na freguesia da Glória, «de extrema necessidade e instantemente reclamado», estavam destinados 4000\$000 réis; o resto seria para uma estrada (3000\$00 réis) e para a escola da Vera Cruz outro tanto. Os 4 contos de réis, especificava o texto, eram para «a exploração de águas, na Brejeira, seu encanamento e construção do chafariz do Espírito Santo», hoje conhecido como Fonte das Cinco Bicas. Na freguesia da Glória apenas existiam duas fontes, situadas em dois extremos da freguesia, «que pouca água podem fornecer».” Não se sabe em quanto ficou a construção da caixa de água na Brejeira, mas pelo valor da adjudicação do chafariz, dos materiais para o encanamento da água e gastos com mão-de-obra, o valor final não deverá ter ficado muito distante do inicialmente estimado: 4 contos de reis.

Rangel de Quadros descreve nestes termos o chafariz:

“O tanque é de pedra calcária e dividido em quatro secções curvilíneas, e salientadas. Interiormente são essas secções divididas por estreitas paredes da altura das guardas ou muros do tanque. No centro ergue-se uma elegante e elevada coluna, rematada por uma águia, voltada para o norte, e que, decerto, representa o principal emblema das armas de Aveiro. Voltado para cada um dos pontos cardeais vê-se um golfinho com a cauda erguida e todo o corpo encostado ao longo da coluna, que reforça. A cabeça de cada golfinho fica um pouco acima de cada secção do tanque. É desacanhada, com os olhos rasgados e da boca lhe sai um canudo, feito de bronze e que lança a água na respectiva secção. Um pouco acima das caudas dos golfinhos fica uma larga taça, arredondada, dividida exterior e inferiormente em oito gomos, e por umas “tiras” salientadas. Nelas, simétrica e proporcionalmente, caía a água de doze canudinhos de bronze, que lhe ficam pouco superiores e colocados em volta da coluna. O resto deste conjunto é elegante e embelezado com uns relevos...”

Apesar de procurar ser rigoroso na sua descrição, Rangel de Quadros cometeu um erro ao identificar a ave que encima o chafariz como sendo uma “águia (...) que, decerto, representa o principal emblema das armas de Aveiro.” Mesmo fazendo a afirmação de se tratar de uma águia, não parece muito seguro. E o caso não é para menos. Basta pensar um pouco e enquadrar o chafariz com o seu substrato histórico. Em primeiro lugar foi edificado no espaço anteriormente ocupado pelo adro e a antiga igreja de invocação do Espírito Santo; em segundo lugar, terá havido da parte do autor do projecto (o eng. João Honorato da Fonseca Regala) uma intenção de fazer relembrar o espaço inicial daquele sítio e o que ele representaria - daí, a colocação de

uma ave no topo do chafariz; finalmente, que melhor elemento simbólico para representar aquele lugar, se não uma pomba? A pomba, um dos símbolos mais popularizados do Espírito Santo, está profusamente representado na arte cristã.

Um outro mistério paira no entanto sobre a fonte e o largo que popularmente são conhecidos por Fonte e Largo das Cinco Bicas. A versão popular acabou por vencer a designação original. O novo nome terá “pegado de estaca”, mas a explicação para ele não ficou. Terá havido razão para tal, mas perdeu-se nas brumas da memória, e o que correntemente se ensaia de explicação não tem substrato mínimo que o fundamente.

Veja-se então: o chafariz possui um tanque para o qual vertem quatro bicas; mais acima, após a “taça” de pedra que a meio percurso da coluna divide a mesma encontra-se um elemento decorativo em forma de cesta com botões de flores, coroado com rosas, em cuja base afloram 12 pequenas bicas. Todavia estas pequenas bicas foram desactivadas uma vez que eram causa de frequentes acumulações de sujidades causadoras de entupimentos frequentes. A solução foi dada em 1896 “desligando” as pequenas bicas do percurso normal da água, mas deixando-as permanecer por aspecto estético.

Naturalmente não soluciona o problema da designação de “Cinco Bicas” uma vez que apenas quatro estão activas no chafariz. Rangel de Quadros oferece uma explicação: “...à esquina, que fica ao noroeste do edifício, que limita o mesmo largo pelo lado do norte, ficou uma fonte provisória, ou antes colou-se uma bica, que despejava a água numa cova, aberta no solo. Aí as pessoas das casas próximas serviam-se da água e, na cova ou poça, lavavam algumas pequenas peças de roupa. A água dos sobejos corria depois por a valeta, que fica ao nascente da rua de S. Sebastião. Assim esteve aquela vergonhosa fonte improvisada e provisória durante dez anos, até que se concluiu a actual fonte do Espírito Santo.”



Figura 2: (sem data. Coleção Morais Sarmiento. Retirada da net em: <http://aveiro-espaco-tempo-memoria.blogspot.pt/2011/11/fonte-das-cinco-bicas-e-igreja-do.html>)

Mas, como o próprio Rangel de Quadros afirma, tal *fonte improvisada* foi fechada quando se concluiu o chafariz, que nessa altura ainda se chamava do Espírito Santo. Não será pois de aceitar que as pessoas fossem repescar essa memória para rebaptizar a fonte e o largo. A explicação

terá forçosamente de ser outra. E não será necessário procurar muito pois ela esteve sempre à vista.... Apenas não se viu, não se quis ver ou não se ligou....



Figura 3: Santiago

A imagem, cuja data não é possível determinar, pertence à primeira metade do século XX; apresenta o largo do Espírito Santo, então ainda assim designado, com o respectivo chafariz. A rua de S. Sebastião bem como o largo ainda não eram calcetadas, mas já existia iluminação eléctrica. O chafariz como já se referiu possui quatro bicas; a quinta bica, que estará na origem da designação do largo, é aquela que se encontra assinalada com a seta. É um outro chafariz que está quase perfeitamente “camuflado” na fotografia. A sua forma escura, a árvore na proximidade e o enquadramento da fotografia (que faz confundir o cano com a ombreira da porta ao fundo) proporcionaram que esta outra bica passasse despercebida durante muito tempo. Ainda existe um chafariz deste tipo (embora desactivado) na proximidade dos tanques nos Areais de Esgueira. Existiu um outro junto à nova capela da Senhora da Ajuda, em Santiago (agora integrada no *campus* universitário).

Qual o motivo da colocação desta bica extra no largo? Ignora-se. Apenas se pode especular. Talvez tenha sido pelo simples motivo de tornar mais prática a recolha de água. A verdade é que acabou por alterar a toponímia do lugar. Mais tarde, já depois de desaparecido este fontenário extra foi colocado, quase no mesmo lugar, um bebedouro.

Uma última nota em torno do Chafariz do Espírito Santo. Desde que a cidade de Aveiro (ou mais obviamente alguém por ela) foi intitulada como *capital da Arte Nova*, o afã de classificar tudo quanto seja edificado como representativo desse fugaz mas interessantíssimo estilo, levou a alguns disparates que deixam muito a desejar. Assim, a classificação do Chafariz do Espírito Santo como *Art Nouveau* é, no mínimo dos mínimos, questionável para não dizer insustentável. Não há dúvidas quanto à data da sua edificação (1880). E também se sabe que a *Arte Nova* entrou em Portugal com uma *décalage* temporal de 20 anos em relação às origens deste movimento artístico da *belle époque*. É sabido ainda que as primeiras manifestações neste estilo em Portugal ocorreram já depois de 1900, logo, o fontenário edificado 20 anos antes não poderá ser *Arte Nova*. Ou então está-se na presença de



Figura 4: Antigo chafariz dos Areais de Esgueira

um conjunto arquitectónico que passou despercebido aos olhos dos especialistas nacionais (mas não aos de Aveiro!). Não bastava a placa indicar erroneamente uma coisa que o não é (*arte nova*), como ainda se deram ao trabalho de colocar o nome errado no fontenário.



Figura 5: (foto de Judite Lopes. <http://asfontesdaminhavida.blogs.sapo.pt/chafariz-do-espírito-santo-ou-fonte-das-28265>)

O autor recusa-se determinantemente a utilizar o acordo (ou aborto?) ortográfico.